

PRÓLOGO

CENA I

À porta de uma cervejaria, num Prado.

SLY: Vou te arrancar a pele, eu juro!

HOSPEDEIRA: Um bom par de algemas, seu canalha!

SLY: Canalha é você! Os Slys não são canalhas. Leia nas crônicas. Viemos com Ricardo, o conquistador. Portanto, *paucas pallabris*¹. Deixa o mundo girar. Estanca!²

HOSPEDEIRA: Paga ou não paga os copos que quebrou?

SLY: Nem um vintém. Por São Jerônimo, vai! Vai pra tua cama fria; vai te esquentar.

HOSPEDEIRA: Já sei o teu remédio: vou chamar o sentinela.

SLY: Sentinela e senta nela!³ Eu lhe respondo é com a lei. Não cedo um palmo. Que ele venha de-

vagar (*Deita-se no chão e dorme. Soam trompas. Entra um lorde, vindo da caça, acompanhado de caçadores e criados.*)

LORDE: Caçador, eu te recomendo, trata bem de meus cães. O pobre Merriman até espuma, de tão cansado. Bota o Clowder para cobrir a cadela de latido rouco. Você viu, meu rapaz, a esperteza de Silver, na saída do bosque, quando todos os outros cães já estavam perdidos? Eu não venderia esse cão nem por vinte libras⁴.

1º CAÇADOR: Ora, senhor, Bellman é tão bom quanto ele: ladra ao menor desvio de caminho e hoje, duas vezes seguidas, conseguiu reencontrar um cheiro quase extinto. Confie em mim: é o melhor cão de todos os seus cachorros.

LORDE: Você está louco. Bastaria que Eco fosse tão rápido quanto ele e valeria vinte vezes mais. Mas alimenta-o bem, cuida igual de todos. Amanhã vamos caçar de novo.

1º CAÇADOR: Fique tranqüilo, meu senhor.

LORDE: (*Descobrimo Sly.*) Que é isso? Um morto ou um bêbado? Vê se respira.

2º CAÇADOR: Respira, meu senhor. Se não estivesse tão quente de cerveja isto seria uma cama demasiado fria para cair em sono tão profundo.

NOBRE: Oh, animal monstruoso! Dorme como um porco! Morte sombria, que fétida e nojenta é tua

imagem! Senhores, quero fazer uma experiência com este bêbado! Que acham de o colocarmos numa cama, cobrindo-o com lençóis preciosos, pondo-lhe anéis nos dedos e, junto à cama, o mais delicioso dos banquetes com criados atentos ao seu despertar? O mendigo não esqueceria logo a sua condição?

1º CAÇADOR: Claro, senhor, não teria outra escolha.

2º CAÇADOR: Ficaria assombrado ao despertar.

LORDE: Como num sonho espantoso ou fabulosa fantasia. Levem-no então, preparem bem a brincadeira. Coloquem-no, gentilmente, no meu quarto melhor, e enfeitem as paredes com meus quadros mais belos; lavem-lhe a cabeça imunda em água quente e perfumada e queimem madeiras aromáticas para envolver de doçura o aposento. Tenham a música preparada para que, acordando, ouça sons delicados e celestes. E se, por acaso, conseguir falar, estejam prontos com mesuras e reverências submissas... “Que ordena Vossa Honra?” Um lhe apresentará a bacia de prata cheia de água-de-rosas salpicada de flores; outro trará o jarro; e o terceiro, a toalha, dizendo: “A Vossa Honra não lhe agradaria agora refrescar as mãos?” Que alguém tenha pronto um soberbo costume e lhe pergunte, então, que roupa ele prefere. Outro deve falar dos seus cães e cavalos e que sua mulher está inconsolável por tê-lo tão doente. Con-

vençam-no de que esteve louco e, quando ele insistir que se chama Sly, digam que sonha, pois é realmente um poderoso lorde. Façam isso, mas com habilidade, amáveis senhores. Se agirem em tudo com prudência será passar um belo passatempo.

1º CAÇADOR: Senhor, eu lhe garanto: vamos representar tão bem nosso papel que, por força de nossa habilidade, ele não poderá pensar ser menos do que aquilo que afirmamos que ele é.

LORDE: Peguem-no, pois, com cuidado e ao leito com ele! Cada qual no seu posto, quando ele acordar! (*Sly sai, carregado pelos caçadores, Soam trompas.*) Menino, vai ver que trompa é essa que ressoa. (*Sai o criado.*) Talvez algum fidalgo amigo que pretenda, em meio a uma viagem um tanto longa, pedir repouso aqui. (*Entra criado.*) Então? Quem é?

CRIADO: Com permissão de V. Senhoria, comediantes que vêm oferecer serviço.

LORDE: Diga-lhes que se aproximem. (*Entram os atores.*) Então, camaradas? São bem-vidos.

ATORES: Agradecemos a V. Senhoria.

LORDE: Pretendem passar a noite aqui?

2º COMEDIANTE: Se for do agrado de V. Senhoria aceitar nossos préstimos.

LORDE: De todo coração. Conheço este nosso companheiro. Vi-o uma vez representando o filho mais

velho de um senhor do campo. Cortejava habilmente uma donzela nobre. Esqueci o seu nome; mas esteja certo de que representou essa parte com grande aptidão e perfeita naturalidade.

1º COMEDIANTE: Acho que é ao papel de Soto que V. Senhoria se refere.

LORDE: Esse mesmo! E você o fez magnífico. Bem, chegam mesmo em boa hora, pois estou preparando uma diversão na qual a perícia de vocês pode me ajudar muito. Está comigo um nobre que esta noite assistirá à representação. Porém, duvido que se controlem quando ele começar a agir de modo estranho – pois Sua Senhoria jamais assistiu a uma peça. Receio que tenham um acesso qualquer de hilaridade e o ofendam com isso: aviso-os, pois, senhores; basta um sorriso para deixá-lo irritado.

1º COMEDIANTE: Nada tema, senhor; saberemos conter-nos, seja ele a criatura mais ridícula do mundo.

LORDE: Vai, garoto, mostra-lhe a despensa e dá boa acolhida a todos e a cada um. Que não lhes falte nada do que há em minha casa. (*Sai criado com os atores. A outro criado.*) Menino, procura meu pajem Bartolomeu e diz-lhe que se vista inteiramente de mulher. Isso feito, leva-o ao aposento do bêbado, sempre chamando-o de senhora e obedecendo-lhe como tal. Diz que, se quiser manter a minha estima, deve se comportar com

atitude nobre e recatada como uma grande dama em frente ao esposo. Assim fará diante do bêbado, falando com voz doce e humilde cortesia, dizendo: “Que deseja Vossa Honra, e que ordena, a fim de que esta simples dama, dedicada esposa, possa mostrar seu afeto, testemunhar seu amor?” E então, com abraços cheios de ternura e beijos tentadores, deve inclinar a cabeça sobre o peito dele, inundando-o de lágrimas de alegria. Como se estivesse transbordando de felicidade por ver seu nobre senhor recobrar a razão depois de viver em delírio duas vezes sete anos, julgando ser apenas um pobre e desprezível vagabundo. E se o rapaz não tem o dom tão feminino de derramar lágrimas à vontade, uma cebola servirá ao mesmo fim. Deve ocultá-la num lenço, o qual, levado aos olhos, provará que chore lágrimas sentidas. Faça com que isso se realize o mais depressa possível. Depois darei mais instruções. (*Sai o criado.*) Tenho certeza de que o rapaz usurpará a graça, a voz, o jeito e os meneios de uma dama. Só quero vê-lo chamando o bêbado de esposo e meus criados contendo-se de rir enquanto prestam homenagens a esse simples campônio. Tenho que prepará-los. Com minha presença espero conter-lhes o ânimo brincalhão que, de outro modo, poderia chegar a não sei que extremo. (*Sai*)